



Mariana Bettencourt\*

## Folie à deux

# A doença e a possibilidade da metáfora

Na obra de 1978 *A Doença Como Metáfora*, Susan Sontag reflete sobre o impacto da metáfora na compreensão e vivência da doença, defendendo que a linguagem de inspiração bélica usada para descrever o cancro molda a representação coletiva da doença, hiper-responsabilizando e culpabilizando a pessoa doente. E que isto, a par da utilização da palavra cancro para descrever o que é malévol, corrompe ou consome lenta e ocultamente, contribui para a mistificação da doença, promovendo temores obsoletos e reafirmando a visão moralista da doença como castigo, que induz vergonha, silenciamento e isolamento.

A solução passaria pela adoção de uma linguagem concreta, desprovida de metáforas. Concordo que a comunicação sobre doença, no contexto da literacia em saúde e no contexto clínico, pode ser prejudicada pelo recurso a metáforas que acarretam uma carga interpretativa danosa. Apesar disso, acredito que a metáfora pode ser muito relevante na construção individual da narrativa de doença. Ela pode tornar familiar algo desconhecido, permite clarificar, gerar novos significados, sendo um recurso valioso na aproximação da linguagem à vivência subjetiva interna, minimizando o nosso isolamento existencial inevitável.

Tenho refletido sobre tudo isto desde que visitei a exposição Céu Vermelho, de Marina Thomé, inaugurada a 28 de setembro, no Arquipélago. Numa instalação multisensorial, somos convocados a percorrer vários momentos e a experimentar, com o distanciamento que a arte permite, a vivência de um acontecimento grave, potencialmente traumático. Mesmo que não tivéssemos lido a descrição, cedo perceberíamos a metáfora, esclarecida pela sua própria voz: “o diagnóstico faz explodir uma coisa dentro de você que é vulcânica”. Eu, que nunca vivi a experiência de cancro de mama, achei esta metáfora bonita e certa. Não só pela proximidade e possibilidade estética, mas por várias questões conceptuais que permitem estabelecer paralelismos. Por muito que a medicina tenha evoluído, continua a

existir na nossa imaginação comum a ideia de que o cancro é sinónimo de morte. E por isso, o momento do diagnóstico pode configurar uma irrupção existencial: o confronto súbito e frontal com a nossa própria finitude, o abalo do nosso sistema de crenças fundacional. Também a erupção se inscreve na identidade de um determinado território, ameaçando a sua existência. No entanto, qualquer um dos acontecimentos congrega em si tanto a destruição como a possibilidade de reconstrução. O confronto com a morte é também possibilidade de ressignificação da vida.

Tentar apreender as metamorfoses dos 13 meses de atividade do Vulcão dos Capelinhos, o escolhido pela artista, é tarefa difícil. A narrativa é complexa e inclui tremores, vapores, silêncios premonitórios, explosões, nuvens de cinza, defluências, submersões, abatimentos. Aprendi há muitos anos que as erupções podem ser tipificadas, mas cada uma será única e irrepetível. Aprendi há menos tempo que assim é também a resposta humana ao trauma.

E por isso, as pessoas não têm de se rever na narrativa de Marina para poderem elaborar as suas próprias experiências dolorosas ou traumáticas. O poder da narrativa não é o do contágio por assimilação, mas o da criação do espaço onde ela possa ser pensada e erigida, em nome individual, assim a pessoa o queira.

Penso em Sontag, que lidava na altura com o mesmo diagnóstico, e atrevo-me a questionar a sua tese: não seria possível a libertação do jugo da metáfora coletiva pela criação de uma metáfora pessoal? Afinal é nosso, humano, o reino das palavras, como nos relembra o vulcão de Judite Canha Fernandes em *Carta de um vulcão para o mundo*.

Para ver: Céu Vermelho, de Marina Thomé, no Arquipélago – Centro de Artes Contemporâneas, até 3 de novembro de 2024

\* *Psiquiatra e Sexóloga clínica*

## Associação Açoreana de Karate-do e disciplinas associadas organizou acção de formação de treinadores

A AAKDA – Associação Açoreana de Karate-do e disciplinas associadas, CKSR – Clube Karate Shotokan da Relva e CKSPV – Clube de Karate-do Shotokan da Praia da Vitória, organizaram uma Acção de Formação de Treinadores – Estágio de Praticante e competidores que contou com o apoio da DRD – Direcção Regional Do Desporto no âmbito do PDD – Plano Desenvolvimento Desportivo, Câmara Municipal da Ribeira Grande e Câmara Municipal da Praia da Vitória.

O primeiro dia decorreu no Complexo Desportivo da Ribeira Grande no Concelho da Ribeira Grande, já o segundo dia, foi no Pavilhão Das Artes Marciais da Praia da Vitória. Foi um Estágio Nacional de karate de excelente nível, aberto a todos os praticantes a partir de 6 anos de idade e todas as graduações, e foi ministrado pelo Sensei Nuno Moreira, 26 X Campeão Nacional Federação Nacional Karate Portugal, Medalhado Europeu e Mundial, Campeão do Mediterrâneo, Campeão Ibero-americano, Várias vezes medalhado na Série A e Karate 1.



Foi um evento de grande importância para os atletas como também para os treinadores no qual foi creditado pelo IPDJ n.º 302341783 (Ilha S Miguel) e 1 Unidade Crédito IPDJ n.º 302541833 (Ilha Terceira) e serviu para a renovação do Título Profissional de Treinadores de Desporto.

Foi com certeza um grande seminário desportivo do karate açoriano, com um dos melhores atletas de todos os tempos do Karate Nacional. Sensei

Nuno Moreira tem mais de 300 campeonatos realizados, mais de 1300 combates feitos e 26 medalhas de campeão nacional, Medalhado Europeu e Mundial, Campeão do Mediterrâneo, Campeão Ibero-americano, Várias vezes medalhado na Série A e Karate 1.

São estes os números de Nuno Moreira, o atleta português e um dos treinadores mais medalhado de sempre em Portugal na modalidade de Karaté.

Teve a participação de quinze clubes de Karate filiados na duas Associações

Desportivas (AAKDA e AAKDA), de quatro ilhas da Região Autónoma dos Açores, reunindo cerca de duas centenas de Praticante, Treinadores e Competidores.

Em S. Miguel esteve presente a (AKVFC) - Academia de Karate de Vila Franca do Campo; (CKL) - Centro Karate De Lagoa; (CKRG) - Clube Karate-Do Ribeira Grande; (CKSP) - Clube Karate Shotokan Da Povoação; (AKSC) - Associação Karate Shotokan Cabouco; (CKSR) - Clube Karate Shotokan Da Relva; (KCPD) Karate Clube Ponta Delgada; (NOS) Núcleo Oriental de Shotokan e (CKSRP) Clube Karate Shotokan Rabo de Peixe.

Na ilha Terceira teve presente o (CKSH) - Clube de Karate - do Shotokan da Horta; (CDEH) - Clube Desportivo da Horta) da ilha do Faial, (ARPC) Associação Recreativa da Preparatória da Calheta de São Jorge e (CKSAH) - Clube Karate-do Shotokan de Angra do Heroísmo), (CKSPV) - Clube Karate-do Shotokan Praia da Vitória e (EKC) - Este Karate Clube da ilha terceira.